A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO CRÍTICO E REFLEXIVO DOS ALUNOS

Margareth Carli

RESUMO

Com esta pesquisa pretende-se demonstrar que a partir do ensino da Arte, o aluno poderá despertar seus saberes críticos e reflexivos. Para tanto, delimitou-se como objetivo, apresentar a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa, pois através desta, o aluno dá abertura à imaginação criadora. É necessário entretanto, que o professor faça acontecer através de seu conhecimento o ensino efetivo da Arte, visto que tal abordagem não utiliza norma específica, mas sim, estimula o fazer, ler e contextualizar para só então se concretizar os resultados almejados. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, embasando-se em livros e artigos pertinentes ao tema. Verificou-se no decorrer desta pesquisa que o professor ao aplicar a proposta de Ana Mae nas aulas de Arte, contribui para que os alunos assimilem a Arte como instrumento educacional, auxiliando assim, no seu desenvolvimento crítico, emocional e reflexivo.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Criatividade. Reflexão. Abordagem Triangular.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate that from the teaching of art, students can awaken their critical and reflective knowledge. Therefore, it was delimited as objective, to present the Triangular Approach proposed by Ana Mae Barbosa, because through this, the student of the opening to the creative imagination. However, it is necessary for the teacher to make effective teaching of art happen through his knowledge, since this approach does not use a specific norm, but rather stimulates the making, reading and contextualization, only then to achieve the desired results. As methodology, we used the bibliographical research, based on books and articles relevant to the theme. It was verified during this research that the teacher, when applying Ana Mae's proposal in the art classes, contributes to the students to assimilate the art as an educational instrument, thus helping in its critical, emotional and reflexive development.

Keywords: Art Teaching. Creativity Reflection. Triangular Approach.

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre o ensino da Arte não é tarefa fácil, visto que esta disciplina lutou muito para conquistar seu espaço no contexto escolar. Seguindo esse raciocínio e, por entender que o papel da Arte é preparar para os novos modos de percepção e à construção de conhecimentos, é de suma relevância compreender como a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae pode influenciar no ensino-aprendizagem.

A Abordagem Triangular apresenta-se na contemporaneidade como sendo a principal referência do ensino da Arte no Brasil e, Ana Mae Barbosa é a responsável por tal conquista. Embora seja uma temática demasiadamente discutida no ensino da Arte, o desejo avaliar as contribuições dessa proposta fala mais alto.

Dessa maneira, a partir do tema “A Arte construindo saberes críticos e reflexivos conforme proposta de Ana Mae” desenvolveu-se uma investigação para analisar: A partir do ensino da Arte utilizando a Abordagem Triangular, o aluno conseguirá assimilar a Arte como sendo um instrumento educacional para desenvolver seus saberes críticos e reflexivos?

Para responder a tal questionamento, delimitou-se como objetivo geral apresentar a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae, buscando demonstrar sua efetividade no ensino da Arte; e como objetivos específicos: Discorrer sobre o ensino da Arte, descrevendo os eixos que compõem a Abordagem Triangular; e, Analisar a contribuição da Abordagem Triangular na prática docente.

Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, embasando-se em livros e artigos de teóricos envolvendo o ensino da Arte voltado à Abordagem Triangular proposta por Ana Mae, tendo como referência, obras de Ana Mae Barbosa e de Paulo Freire, dentre outros autores pertinentes ao tema. Nesse sentido, tais bibliografias possibilitaram uma reflexão mais crítica em relação às concepções que envolvem à aplicação desta proposta nas aulas de Arte como sendo um aditivo no desenvolvimento crítico e reflexivo dos envolvidos, ou seja, dos alunos.

2 O ENSINO DA ARTE VOLTADO À ABORDAGEM TRIANGULAR

O ensino da Arte no Brasil tem uma longa trajetória. No início do século XX, as escolas primárias e secundárias eram contempladas em seus currículos as disciplinas de Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico. Desde a criação das Diretrizes e Bases da Educação, o Ensino da Arte passou a ser obrigatória nas escolas.

Em 1973 foi criado nas universidades cursos de arte-educação para preparar os professores. O curso de Licenciatura em Educação Artística na universidade, tinha o objetivo de preparar os professores de Arte em dois anos, dando habilitação para lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, todas especificidades ao mesmo tempo, desde a 1ª série até o 2º grau (BARBOSA, 2012).

Esses cursos indicavam o desenvolvimento da criatividade como principal foco no ensino. As artes visuais eram representadas pela espontaneidade, autoliberação e originalidade, porém, não eram postos em prática em sala de aula. Vale destacar que mesmo na atualidade, em alguns estados, as escolas exigem somente Licenciatura Curta para os professores de Arte, por isso, muitas vezes o docente não tem entendimento da metodologia adequada para trabalhar essa disciplina.

Ana Mae para tentar melhorar tais pensamentos retrógrados, em 1987 começa um programa de arte-educação no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP, abordando a história da Arte e leitura de obras de Arte, juntamente com o trabalho prático, utilizando uma metodologia própria, também chamada “Metodologia Triangular”, que posteriormente, passa a ser designada por Ana Mae como “Abordagem Triangular”, a qual tem como base, o conhecimento anterior do professor, podendo ser estética, semiológica, iconológica, entre outras. A partir de então, o ensino da Arte passa a ser visto com outros olhos. O foco dessa abordagem desde o princípio é o fazer artístico, analisar as obras artísticas e a história da Arte, sempre com destaque na Arte como conhecimento a ser desenvolvido na escola, não apenas aos alunos, mas também aos professores (BARBOSA, 2012).

Refletir o ensino da Arte como disciplina é tarefa árdua, porém, mesmo com tantos percalços no decorrer dos séculos, a Arte nos dias atuais vem ganhando espaço, seja através da música, da dança, dos filmes e, também, no contexto escolar. Cabe ao professor, buscar saber metodológico para transmitir nas aulas de Arte, um diferencial de atitudes e valores. As práticas cotidianas em sala de aula nesse contexto, torna-se o ponto onde o saber reflete conhecimento, por isso, a fundamentação torna-se de suma relevância nas transformações do cotidiano de cada aluno.

De acordo com Freire (2018, p. 35), “o saber se faz através de uma superação constante”, assim sendo, todo indivíduo tem em si o saber, logo, tem a oportunidade de despertar a própria superação a cada novo conhecimento.

A educação nesse sentido é uma resposta à busca do saber, onde “o homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém” (FREIRE, 2018, p. 34).

Ao reportar-se a educação voltada ao ensino da Arte, Ana Mae é clara ao retratar que o papel do professor vai além do saber, pois:

A falta de um aprofundamento dos professores de Ensino Fundamental e Médio pode retardar a Nova Arte-Educação em sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre Artes Visuais, organizando de forma a relacionar produção artística com análise, informação histórica e contextualização. Nas Artes Visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem e seu contexto são duas habilidades inter-relacionadas, o desenvolvimento de uma ajudando no desenvolvimento da outra (BARBOSA, 2012, p. 16).

Por consequência, a educação observada como um processo transformativo no âmbito social, volta-se ao desenvolvimento do processo onde o docente assume a meta de ensinar e, ensinar Arte é superar-se a si próprio, ou seja, ensinar e aprender desperta a consciência na formação humana, onde o aluno encontra condições para desenvolver sua expressão construída a partir do conhecimento em Arte.

O ensino da Arte conduzido por essa concepção busca desenvolver um entendimento preciso para análise do processo formativo do aluno, onde são avaliadas as causas sociais, econômicas, políticas e espirituais.

Nessa perspectiva, entender e administrar conflitos gerados por emoções, torna-se instrumento fundamental para o professor em sala de aula. O

comprometimento com a tarefa de ensinar é a solução para seu bom desenvolvimento, visto que, o aluno estabelece suas relações a partir dos ensinamentos repassados. Assim sendo, a metodologia a ser aplicada faz a diferença no contexto geral do ensino-aprendizagem.

Ana Mae em entrevista concedida ao Centro de Referências em Educação Integral ressalta que,

[...] aprender por meio da arte faz parte de uma educação integral, inclusive porque ajuda a desenvolver outras áreas do conhecimento, uma vez que os estudantes precisam mobilizar diversas habilidades, como a capacidade de interpretação, criatividade, imaginação, e os aspectos afetivos e emocionais, além da própria inteligência racional e das habilidades motoras (BARBOSA, 2018).

Logo, o professor utilizando uma metodologia apropriada nas aulas de Arte contribuirá no desenvolvimento do aluno como pessoa, visto que, a Arte é a revelação do homem e de sua capacidade de criar, sendo assimilada através da emoção, reflexão e do pensamento (BARBOSA, 2012). Seguindo tais premissas, a Abordagem Triangular ganha espaço no contexto escolar por influenciar diretamente as ações do professor e, também, no comportamento dos alunos.

A Abordagem Triangular proposta por Ana Mae propõe as ações de criação, emoção/afetividade e reflexão, com a concepção de desenvolver os sentidos no contexto da sensibilidade. O intuito é despertar nos alunos o partilhar, o interagir, o experimentar, o interpretar, o amar. Só assim, as aulas de Arte terão a verdadeira efetividade do “aprender Arte”.

E, por entender que o papel da Arte é preparar para os novos modos de percepção e à construção de conhecimentos, os três eixos necessários para se construir conhecimentos em Arte são: o fazer artístico, a apreciação artística, e, a contextualização histórica. Através da Abordagem Triangular, Ana Mae propõe que o professor de Arte utilize esses eixos, pois a partir deles, o aluno se tornará mais criativo, emotivo e reflexivo.

Nesse contexto, Vigotski (1999), explica que a criatividade, a emoção e a imaginação são processos psicológicos com estreita relação quanto a Arte, corroborando assim, com a abordagem proposta por Ana Mae.

No entendimento de Lampert (2010, p. 447), tal abordagem colabora essencialmente no ensino da Arte, visto ser um trabalho com base “pedagógico integrador onde o fazer artístico, a análise ou leitura de obras de arte e contextualização interagem ao desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante em uma dinâmica contextual sociocultural”.

Assim sendo, a Arte tem papel de grande relevância na evolução do aluno, pois através desta temática, tais indivíduos têm a possibilidade de trabalhar o psicológico, os sentimentos e emoções, desenvolvendo suas capacidades no âmbito escolar, levando para vida social, ou seja, torna-os sujeitos cultos e centrados.

Desta forma, compreendendo as transformações inerentes à construção das formas, sentidos e caminhos a serem percorridos, alunos e conhecimento automaticamente se estabelecem. Todo esse processo é observado na explicação do tripé fazer, aprender e contextualizar, proposto por Ana Mae.

2.1 ABORDAGEM TRIANGULAR PROPOSTA POR ANA MAE

No Brasil, o ensino de Arte tem no seu histórico, a importação de modelos educacionais que nem sempre vem acompanhados de reflexão sobre como adaptá-los no contexto escolar. Por isso, a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae, desde a década de 80 vem quebrando paradigmas, propondo três eixos a serem trabalhados nas escolas, quais sejam: a criação (fazer artístico - produção), a leitura da obra de arte (ler obras de arte) e, a contextualização (contextualizar). Esta proposta é fundamental, pois contribui positivamente no ensino da Arte em todo país até a contemporaneidade.

Referida metodologia aborda a construção de conhecimento em Arte, através da experimentação, da codificação e da informação. Conforme Rizzi (2018, p. 73),

Considera-se como sendo objeto de conhecimento dessa concepção, a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre a Arte e o Público, propondo-se que a composição do programa do ensino de Arte seja elaborado a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com a Arte: ler obras de arte, fazer arte e contextualizar.

Cabe porém, o entendimento de que a Abordagem Triangular não estabelece o que fazer e também, não aponta como fazer, ela “desenha um cenário de campos

de conhecimento inter-relacionados, um terreno no qual o ensino e a aprendizagem podem ocorrer” (MACHADO, 2010, p. 68). Assim, esta proposta transforma-se em um leque de possibilidades para o ensino e aprendizagem da Arte.

Ana Mae expressa em seu livro “*A Imagem no Ensino da Arte*” que o professor precisa escolher a metodologia de análise, pois “o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, social, antropológica etc.” (BARBOSA, 2014, p. 39).

Visto dessa maneira, a Abordagem Triangular “orienta muito mais a busca da significação de ensinar e aprender arte, para que cada educador artista possa formular suas próprias perguntas, que por sua vez, poderá traduzir em conteúdos e procedimentos” (MACHADO, 2010, p. 69). Isto posto, o planejamento enquanto concepção, torna-se um aditivo das relações entre o “aprender fazendo” e o “lendo e contextualizando” Arte.

Pimentel (2010, p. 212-213), defende que a Abordagem Triangular é um referencial, ou seja,

[...] uma possibilidade concreta de trabalho complexo em arte/educação; cabe ao arte/educador levar em consideração as diversas possibilidades de expressão abordadas pela abrangência e as especificidades educacionais de formação que pontue como relevantes.

Desta forma, a Abordagem Triangular é vista como sendo o ponto partida para o professor de Arte, pois, se utilizada de forma correta, contribui e muito nas aulas, seja ao professor, seja para os alunos. Entretanto, o professor deverá ter o conhecimento e compreender esta abordagem para obter êxito. Um requisito básico, é que o professor esteja em constante transformação e em busca de novos conhecimentos para tornar suas aulas efetivamente interativas.

Ana Mae é enfática ao reportar-se à atuação do docente, visto que, somente a ação inteligente deste, “pode tornar a aula de Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento do cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação” (BARBOSA, 2018, p. 15).

Referida abordagem não estabelece o que fazer e, também não aponta como fazer, pois “desenha um cenário de campos de conhecimento inter-relacionados, um terreno no qual o ensino e a aprendizagem podem ocorrer” (MACHADO, 2010, p.

68). Assim sendo, transforma-se em um leque de possibilidades para o ensino-aprendizagem da Arte.

Ana Mae é uma defensora da Arte e, seguindo os ensinamentos Paulo Freire, sugere esta abordagem com o intuito de melhorar o ensino da Arte, “tendo por base um trabalho pedagógico integrador, em que o fazer artístico, a análise ou leitura de imagens e a contextualização interagem ao desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante” (SILVA; LAMPERT, 2017, p. 90).

Após tal entendimento, cita-se os três eixos que compõem a Abordagem Triangular, ressaltando que a partir destes, é possível construir os conhecimentos da Arte, quais sejam: o fazer artístico; a apreciação artística; e, a contextualização histórica. Verifica-se que esses elementos são complementares, porém não é necessário que ocorram em momentos separados e também, não precisa seguir uma ordem específica, pois saber ler uma obra de arte torna o aluno criativo, emotivo e reflexivo.

2.1.1 Fazer Artístico

O **primeiro eixo** trata do “fazer Arte”, despertando a capacidade criadora, a flexibilidade, a fluência e a elaboração. Esses processos envolvidos na criatividade são mobilizados a partir do reconhecimento da obra de arte. Conforme Ana Mae, o desenvolvimento da criatividade se dá no ato do “deixar fazer”, a partir do “entendimento, da compreensão, da decodificação das múltiplas significações de uma obra de arte” (BARBOSA, 2014, p. 43).

Em outros termos, destaca-se que o desenvolvimento da criatividade envolve ações de configuração, ou seja, refere-se à realização de uma escultura, dança, música, filme, ou outras formas de produção artística; à produção de pensamentos sobre a arte; e, experiências de leitura. Assim sendo, este eixo “nomeia não apenas ações que caracterizam a aprendizagem do fazer artístico em contato com os materiais e com os princípios de formatividade das linguagens artísticas” (MACHADO, 2010, p. 65), pois refere-se a capacidade de cada indivíduo produzir leituras e relações conceituais, tão importantes à experiência da Arte.

A Arte está ligada diretamente à criatividade. Por isso, torna-se um produto artístico de criação e de inovação. Por isso, é necessário compreender as imagens

para fazer a interpretação correta, sem distorções. O professor é o responsável pelo processo ensino-aprendizagem e, por isso, deve ter o conhecimento para administrar aulas de Arte com êxito.

Seguindo tal proposição, a leitura da obra de arte é o próximo ponto a ser abordado, visto que não adianta “fazer” arte sem conseguir “ler a obra” posteriormente. Tal investigação discutirá a importância de educar o olhar para a leitura da obra e, entender um pouco do processo “ler” com o despertar do desenvolvimento emocional/afetivo do indivíduo.

2.1.2 Apreciação Artística

O **segundo eixo** trabalha o desenvolvimento emocional, ou seja, a “apreciação artística”. Para Vigotski (1999, p. 24), “as emoções fora de nós realizam-se por força de um sentimento social que foi objetivado, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade”. Na sala de aula, liberar as emoções é muito importante, porém, para ser efetivo, cabe a cada um refletir sobre elas. Neste caso, ao ler uma obra de Arte, o aluno passa a buscar novos conhecimentos, descobertas e questionamentos, despertando assim, sua capacidade crítica.

Através do ensino da Arte, o conhecimento artístico construirá uma educação voltada à apropriação do conhecimento e aprendizagem dos sentidos, fazendo com que o aluno desenvolva o campo emocional e afetivo.

O desenvolvimento emocional faz parte da segunda etapa da Abordagem Triangular, onde o fazer/ler obras de arte, é o eixo principal. Esta fase refere-se aos encontros com obras de arte e outras construções simbólicas das culturas. Envolve ainda, a aprendizagem da experiência com as formas da natureza, ou seja, desenvolve-se exercícios de percepção.

Assim sendo, emoções como um fenômeno psicológico cultural articula as demais funções psicológicas superiores, ou seja, a própria criatividade, utilizando-se dos recursos da imaginação.

Seguindo tais preceitos, Vigotski (1999, p. 315), leciona que “a arte é o social em nós, e o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de

maneira nenhuma, que suas raízes e essências sejam individuais. [...] o social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções”.

Desta forma, no âmbito escolar, aprender a liberar as emoções é muito importante, porém, para tal processo ser efetivo, cabe a cada um refletir sobre elas. Ana Mae afirma que “o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso” (BARBOSA, 2012, p. 23). Por isso, se a Arte não for abordada como um conhecimento, a educação que será repassada aos alunos não transmitirá o aspecto emocional e cognitivo desejado.

Para Vigotski (1999) a emoção é uma qualidade humana da qual se dá no pensamento e se concretiza nas ações. Nesse sentido, é necessário respeitar a Arte, vinculando-a a percepção e ao sentimento para ter efetividade nas salas de aula.

Ao ler uma obra de arte, o aluno passa se envolver, na busca do conhecimento, da descoberta, dos questionamentos, despertando a capacidade crítica dos mesmos. Rizzi (2018, p. 73) nesse contexto explica que “as interpretações oriundas desse processo de leitura, relacionando sujeito/obra/contexto, não são passíveis de redução certo/errado. Podem ser julgadas por critérios tais como: pertinência, coerência, possibilidade, esclarecimento, abrangência e inclusividade”. Por isso, o ensino da Arte faz parte da inclusão escolar.

Contudo, esse processo de aprendizagem envolve professores, alunos, familiares e demais envolvidos, pois o trabalho com o sensível vai além dos ensinamentos do professor. Por isso, esta prática somente será efetiva se a socialização do saber à Arte seja possibilidade para todos, do contrário, o processo de transformação será inútil. Assim, estabelece-se relações que permitam o ensino-aprendizagem através da diversificação, motivação e da contextualização.

2.1.3 Contextualização

No **terceiro eixo**, a “contextualização”, trabalha-se o saber reflexivo, envolvendo ações que evidenciam através da reflexão, “os diferentes contextos da Arte: a história, a cultura, circunstâncias, história de vida, estilos e movimentos

artísticos” (MACHADO, 2010, p. 66). Neste momento, o aluno conseguirá entender como a obra foi produzida e as relações contidas nessa produção.

Ao estudar a Arte sob a perspectiva de acesso ao saber reflexivo, o aluno passa a compreender a atitude do artista como sendo aquele que representa a visão por meio de significados. A partir de então, o aluno poderá trabalhar sua própria história, questionando as formas de exploração que a sociedade vem apresentando.

De acordo com Rizzi (2018, p. 76), “ao contextualizar estamos operando no domínio da História da Arte e outras áreas de conhecimento necessárias para determinado programa de ensino”. Por isso, ao ensinar os elementos da forma visual, o professor leva os alunos a observar as formas, linhas, cores, texturas que compõem a obra, propondo uma reflexão/contextualização dos elementos compositivos da obra, ou seja, analisar a pesquisa teórica, a leitura das formas e, da pesquisa, durante o processo de ensino-aprendizagem.

A partir da reflexão é possível pensar uma atuação significativa para o ensino da Arte, pois, “contextualizar é estabelecer relações. Nesse sentido, a contextualização no processo ensino-aprendizagem é porta aberta para interdisciplinaridade” (BARBOSA, 1989, p. 38).

Continua Ana Mae reforçando que

[...] em arte, o tempo, como a mente, não é objeto do conhecimento em si mesmo. Somente conhecemos o tempo pelo que acontece nele e pela observação das mudanças e permanências. Os intervalos entre ações são tão significantes quanto as próprias ações (BARBOSA, 2014, p. 106).

Logo, a Abordagem Triangular refere-se às ações aplicadas em sala de aula pelo professor de Arte, ou seja, as aulas práticas contribuem no ensino-aprendizagem, visto que oferecem maior interação entre alunos e professor. Entretanto, devido as mudanças serem constantes, o professor deve sempre inovar as atividades para despertar o interesse e motivação dos alunos pelas aulas.

Partindo dessa análise, a apreciação da Arte voltada à Abordagem Triangular proposta por Ana Mae torna-se de suma relevância, pois, atua “positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes por meio do conhecimento de arte que inclui a potencialização da recepção crítica e a produção” (BARBOSA, 2005, p. 98). Assim sendo, entender o processo de produção de Arte é o princípio básico para um

professor de Arte, pois na falta deste, as aulas de Arte ficam sem criatividade, não transmitindo ao aluno o incentivo à reflexão.

Logo, o processo de contextualizar uma obra de arte não precisa limitar-se às informações biográficas e históricas, pois, o importante é aliar essa base teórica com o fazer artístico, com a experiência, com a prática, a vivência. É nesse momento em que pode interagir com a obra, aplicando na prática os conceitos estéticos e poéticos abordados durante a leitura e contextualização.

Portanto, embora a Abordagem Triangular seja exposta de forma clara, ainda há percalços na aplicação desta proposta. Cabe ao professor de Arte estar atento e buscar atualizar-se para trabalhar de forma assertiva esta ferramenta tão expressiva no desempenho do ensino da Arte.

2.2 ABORDAGEM TRIANGULAR E SUA CONTRIBUIÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE

Embora passado por muitos obstáculos, a Arte nos dias atuais vem ganhando espaço no contexto escolar. A Abordagem Triangular oferece suporte para tal incentivo, pois influencia diretamente nas ações do professor, bem como, no comportamento dos alunos, propondo ações de criação, emoção e reflexão (BARBOSA, 2014). O objetivo é despertar nos alunos o partilhar, o interagir, o experimentar, o interpretar e o amar. Só assim, as aulas de Arte terão a verdadeira efetividade do “aprender Arte”.

Desta forma, entender e administrar os conflitos gerados por emoções, torna-se instrumento fundamental para o docente em sala de aula, onde o comprometimento com o “ensinar” é a solução para o bom desenvolvimento, visto que, o aluno estabelece suas relações a partir dos ensinamentos repassados.

Ana Mae ao relatar a prática docente, explica que o docente tem a missão de favorecer o conhecimento dos alunos, por isso, precisa estar apto para produzir uma imagem, sendo capaz de ler uma imagem e seu contexto, uma vez que o desenvolvimento de uma ajudará no processo da outra (BARBOSA, 2012).

Assim sendo, a Abordagem Triangular tem-se apresentado como um ponto de partida ao professor de Arte, pois sendo utilizada corretamente, poderá beneficiar e muito, tanto o professor quanto os alunos no dia a dia escolar.

Logo, a apreciação da Arte voltada à Abordagem Triangular atua “positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes por meio do

conhecimento de arte que inclui a potencialização da recepção crítica e a produção” (BARBOSA, 2005, p. 98). Compreender esta abordagem é requisito básico para um professor de Arte, pois na falta deste, as aulas de Arte ficam sem criatividade, não transmitindo ao aluno o incentivo à reflexão.

Para efetivar tais ensinamentos, o professor precisa mobilizar esses saberes para conseguir estabelecer um contato mais sensível com os alunos, podendo ocorrer através de leituras, aprimorando o olhar, o ouvir e o corpo.

Observando sob este ângulo, a Abordagem Triangular contribui muito nas aulas de Arte, visto que dá liberdade ao professor formular suas próprias perguntas, que por sua vez, poderá traduzir em conteúdos e procedimentos. Logo, o planejamento enquanto concepção torna-se um aditivo das relações entre o “aprender fazendo” e o “lendo e contextualizando” a Arte (SILVA; LAMPERT, 2017).

Por fim, Ana Mae contribuiu e continua contribuindo no trabalho dos professores, conduzindo posicionamentos mais claros sobre a história do ensino da Arte, objetivando de que todos envolvidos no processo ensino-aprendizagem percebam as realidades pessoais e sociais, conseguindo lidar com elas de forma mais crítica e reflexiva.

3 CONCLUSÃO

Verificou-se que o ensino da Arte utilizando a Abordagem Triangular pode colaborar no desempenho dos alunos, visto que, se trabalhada de forma assertiva, contribui no desenvolvimento crítico, reflexivo e emocional dos alunos.

A partir dos ensinamentos de Ana Mae, verificou-se que trabalhando os três eixos da Abordagem Triangular é possível pensar no ensino da Arte como sendo um recurso de extrema relevância, uma vez que a formulação desta, é trabalhar Arte de forma contextual, pautada na criatividade, na emoção e na reflexão.

O professor ao aplicar seus conhecimentos, principalmente através de aulas expositivas, terá a oportunidade de demonstrar aos alunos que a Arte, pode sim, ser um instrumento educacional. A comparação entre as obras e a identificação desta, auxiliará os alunos a despertar seu lado crítico, emocional e reflexivo, demonstrando com isso, a efetividade na aplicação da Abordagem Triangular nas aulas de Arte.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Tradução de Sofia Fan. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 3, n. 7, set./dez. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010>
- BARBOSA, A.M. **Arte-educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, A.M. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, A.M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARBOSA, A.M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2018. [e-book]
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Lilian Lopes Martin. 39. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- LAMPERT, J. Deambulações sobre a contemporaneidade e o ensino das artes visuais e da cultura visual. In: Barbosa, A.M.; Cunha, F. P. da. (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 10. p. 443-453.
- MACHADO, R.S. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. In: BARBOSA, A.M.; Cunha, F.P. (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 4. p. 64-79.
- PIMENTEL, L. G. Fluir, contextualizar e experimentar como possível estratégia básica para investigação e possibilidade de diversidade no ensino de arte: o contemporâneo de vinte anos. In: Barbosa, A.M.; Cunha, F.P. (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 2 – parte 2. p. 211-228.
- RIZZI, M.C.S. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. Cap. 5. p. 69-77.
- SILVA, T.G.; LAMPERT, J. Reflexões sobre a abordagem triangular no ensino básico de artes visuais no contexto brasileiro. **Revista Matéria-Prima**, v. 5, n. 1, p. 88-95, 2017.
- VIGOTSKI, L.S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.